

humanitas

Vol. I - Vol. II


IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HVMANITAS

VOL. L • TOMO II
MCMXCVIII

2.ª PARTE DA MISCELÂNEA EM HONRA
DO DOUTOR JOSÉ GERALDES FREIRE



AS EDIÇÕES DE *O FIDALGO APRENDIZ*,
DE D. FRANCISCO MANUEL DE MELO

EVELINA VERDELHO
Universidade de Coimbra

A preparação de uma edição de *O Fidalgo aprendiz*, de D. Francisco Manuel de Melo, levou-nos a proceder ao inventário, análise e confronto das várias edições deste texto do séc. XVII, antes publicadas¹. Tivemos assim oportunidade de reunir elementos informativos cujo interesse transcende o trabalho de crítica textual que temos em mão, pois além de propiciarem esclarecimentos sobre o modo como se têm editado textos de séculos passados em Portugal, elucidam acerca das leituras da obra que são possíveis até ao presente, nomeadamente através das edições disponíveis no mercado. Decidimos por isso trazer a público o que a esse respeito coligimos, sem esperar a impressão da edição que preparamos. Determinou-nos também a convicção de que o conhecimento crítico de edições anteriores pode contribuir para, em futuras edições de autores seiscentistas, não se reiterarem procedimentos ecdóticos indevidos, e se progredir, cada vez com maior exigência e qualidade, na rota do que já foi realizado com fundamentação e rigor.

O Fidalgo aprendiz foi publicado pela primeira vez nas *Obras métricas* de D. Francisco Manuel de Melo, impressas em Lyon, por Horace Boessat e George Remeus, em 1665², preenchendo, a duas colunas, as pp. 238-256 de *As*

¹ São objecto deste estudo as edições integrais, publicadas até ao presente, de que temos conhecimento. Sobre edições parciais, ver *infra*, nota 49.

² || OBRAS | METRICAS | DE | DON FRANCISCO | MANVEL, | AL SERENISSIMO | SEÑOR INFANTE | DON PEDRO. | EN LEON DE FRANCIA. | Por HORACIO BOESSAT, Y GEORGE REMEVS. | M. DC. LXV. | CON LICENCIA DE LOS SVPERIORES. ||. – O volume é

*Segundas três musas do Melodino*³, e figurando entre o conjunto de textos que o Autor abrangeu com a designação de *A Viola de Talia*⁴.

A preparação das *Obras métricas* na oficina lionesa foi acompanhada de perto por D. Francisco Manuel, que para o efeito permaneceu durante algum tempo naquela cidade francesa, tendo contado com a colaboração de dois Padres jesuítas, professores e também poetas, na correcção tipográfica e na melhoria dos versos castelhanos, como o faz saber por um dos textos preliminares das *Obras métricas*, “A los lectores de mis obras métricas”⁵.

Tais circunstâncias não impediram que a lição de *O Fidalgo*, bem como a de outras composições, se apresente afectada por um elevado número de “gralhas” tipográficas e outras deficiências, o que se deve por certo em grande parte ao facto de a língua portuguesa não ser conhecida pelos artistas da casa impressora de Lyon. Lesam-na em especial – provocando não raro leituras problemáticas – adições, omissões, trocas indevidas de letras e de palavras, aglutinação de palavras ou de partes de palavras distintas, separação de partes de uma mesma palavra, distribuição muito irregular dos sinais de pontuação e de acentuação. Alguns exemplos de formas incorrectas, detectadas nas duas primeiras jornadas: *Alfonso*, p. 238 (por *Afonso*); *Figaldo*, p. 239 a (por *Fidalgo*); *Sebastiõ*, p. 239 a (por *Sebastião*); *nade*, p. 239 b (por *nada*); *dias*, p. 240 a (por *dais*); *passa*, p. 240 b (por *possa*); *demseembre*, p. 241 b (por *desmembre*); *a p̃redor*, p. 242 a (por *aprender*); *Sehor*, p. 242 b (por *Senhor*); *quel*, p. 244 a (por *qual*); *tostaẽs*, p. 245 b (por *tostões*); *donhe*, p. 245 b (por *donde*); *vor*, p. 246 b (por *vos*); *çamarago*, p. 247 a (por *Saramago*); *ser*, p. 247 a (por *se*); *Venha*, p. 249 a (por *Venho*).

aqui referenciado pelo exemplar da Biblioteca Central da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, com a cota B-12-2-16. Examinámos também outros exemplares, existentes em diversas bibliotecas públicas, como a do Centro de Literatura do Instituto de Língua e Literatura Portuguesas da mesma Faculdade, e Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.

³ A peça surge com a seguinte apresentação: || O | FIDALGO APRENDIZ | FARÇA | *QVE SE PRESENTE* | a suas Altezas. ||.

⁴ Além de diversos textos preliminares, a obra contém um primeiro conjunto de composições em castelhano – *Las Tres musas del Melodino* –, que já tinham tido uma primeira publicação avulsa em Lisboa, em 1649, um segundo conjunto de composições em português – *As Segundas três musas do Melodino* ou *Musas portuguesas* –, e ainda um terceiro grupo final, novamente em castelhano.

⁵ Esse texto – mencionado aqui pela primeira linha, cuja ortografia actualizamos – já foi referido a este propósito por Edgar Prestage, em *D. Francisco Manuel de Melo. Esboço biográfico*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1914, pp. 388-389. Ver também *D. Francisco Manuel de Melo. Notas adicionais*, Coimbra, 1943 (separata de *O Instituto*, vol. 102), p. 13.

Perante os numerosos «defeitos» que se nos deparam na lição de 1665 de *O Fidalgo aprendiz*⁶, temos que considerar que Edgar Prestage foi muito condescendente ao aludir a «poucos erros» que as *Obras métricas* conteriam⁷.

A segunda edição de *O Fidalgo aprendiz*, que é a primeira avulsa, e já póstuma⁸, foi dada à estampa em Lisboa, pelo impressor Domingos Carneiro, em 1676⁹.

A extrema raridade de exemplares conhecidos desta edição, no nosso tempo, motivou a publicação de uma reprodução fac-similada, em 1966¹⁰, que foi apresentada, através de uma valiosa Introdução, pelo Prof. José V. de Pina Martins¹¹.

Segundo este eminente Investigador, a edição de 1676, pelas suas características tipográficas, «pode considerar-se como uma publicação de teatro de cordel»¹². Foi feita certamente pela de Lyon, como admitiram Inocêncio

⁶ «Defectos» (*deffetos*) é a palavra com que D. Francisco Manuel de Melo se refere às imperfeições do volume relacionadas com a sua composição na oficina lionesa, em “A los lectores de mis obras métricas”.

⁷ Cf. D. Francisco Manuel de Melo. *Notas Adicionais*, p. 13.

⁸ Primeiramente, na falta de documentação mais esclarecedora, Edgar Prestage, o biógrafo por excelência de D. Francisco Manuel, aceitou a data do falecimento indicada por Barbosa Machado — 13 de Outubro de 1666. Cf.: Diogo Barbosa Machado, *Biblioteca Lusitana*, II, Lisboa, Oficina de Ignácio Rodrigues, 1747, p. 184 (reprodução fac-similada, Coimbra, Atlântida Editora, 1966); E. Prestage, *D. Francisco Manuel de Melo. Esboço biográfico*, p. 391 e notas 2 e 3, e pp. 452-455. Posteriormente, com base no assento de óbito entretanto achado, o Investigador britânico apontou outra data — 24 de Agosto de 1666. Cf. *idem*, *D. Francisco Manuel de Melo. Notas adicionais*, pp. 11-12. A este respeito ver ainda: Pe. António do Presépio Moniz, “Termo de óbito de D. Francisco Manuel de Melo”, in *Revista de História*, vol. X, 1920, pp. 154-155.

⁹ || AVTO | DO FIDALGO APRENDIZ. | FARÇA QUE SE REPRESENTOU | A SUAS ALTEZAS. | (...) | EM LISBOA. | *Com as licenças necessarias.* | Na Officina de Domingos Carneiro. Anno de 1676. ||

¹⁰ || D. FRANCISCO MANVEL DE MELO | AVTO | DO FIDALGO APRENDIZ | Reprodução fac-similada da edição de 1676 | *Introdução* | por | José V. de Pina Martins | O MUNDO DO LIVRO | LISBOA | 1966 ||. — Quando o Prof. Pina Martins apresentou esta reprodução, não existia, segundo declara, «exemplar algum catalogado nas bibliotecas Nacional de Lisboa, Academia das Ciências, da Ajuda, Geral da Universidade de Coimbra, Municipais do Porto, Coimbra, Évora e Braga.» (ob. cit., Introdução, p. 43, nota 45, cont. da p. 42). Esta situação tem-se mantido até aos nossos dias. Para a reprodução fac-similada foi utilizado um exemplar que pertenceu ao Comandante Ernesto de Vilhena. O que expomos sobre a edição de 1676 é baseado na análise da lição divulgada por esta reprodução.

¹¹ Além de se caracterizar a edição de 1676, sob o ponto de vista de bibliografia material, pp. 14-18, na Introdução são tratadas as seguintes matérias: estudos sobre D. Francisco Manuel de Melo, pp. 9-14; a farsa como obra literária, pp. 18-28; o problema das fontes, pp. 29-38; a questão da influência sobre Molière, pp. 38-43.

¹² Cf. ob. cit., p. 16.

Francisco da Silva e o mencionado Professor¹³. José V. de Pina Martins referiu que notou «divergências ortográficas» entre as lições das duas edições seiscentistas, e considerou com justeza que «não atingem a escala de variantes textuais»¹⁴.

Confrontando as lições de *O Fidalgo aprendiz* de 1665 e de 1676, de facto, desde a primeira à última linha, detectam-se diferenças na apresentação ortográfica do texto. Por vezes, verifica-se apenas a substituição de alguns grafemas por outros que têm a mesma representatividade fónica (por exemplo, *y* e *i*), mas outras vezes observam-se mudanças que podem afectar, ou efectivamente afectam, o valor documental da nova lição sobre a linguagem usada pelo Autor, sendo muitos os casos em que as novas grafias apresentadas correspondem ao abandono de formas tradicionais e populares em favor de outras iguais às que passaram para o português padrão actual; assim sucede logo no início da primeira jornada, onde as formas *huma*, *Rocio* e *rascaõ* tomam o lugar das que se viam na primeira edição, isto é, *hũa*, *Recio* e *rescaõ*. Além disso, a pontuação foi também alterada, acontecendo que, em consequência das intervenções efectuadas a este nível, em muitos lugares o texto surge com diferenças sensíveis de leitura nos planos estilístico, sintáctico e semântico.

Ao preparar-se a edição de *O Fidalgo* em 1676, houve por certo consciência das imperfeições da lição de 1665, bem como intenção de as corrigir, tendo sido efectivamente emendadas muitas delas. Todavia, outras permaneceram e, além disso, foram introduzidas novas incorrecções, não raras, por vezes com prejuízo do sentido, da rima e da medida dos versos. Apenas alguns exemplos, entre muitos outros que poderiam ser dados, relativos a novas deficiências que se detectam nas I e II Jornadas: *magalha*, p. 3 a (por *migalha*); *meu quelho*, p. 3 b (por *inculqueilho*); *que*, p. 3 b (por *qual*); *em mi*, p. 4 b (por *em mal*); *enganos*, p. 5 a (por *engano*); *desembre*, p. 5 b (por *desmembre*); *E vos tangereis com a maõ*, p. 6 b (por *Eu vos tangerey co a maõ*); *estado de zraza*, p. 6 b (por *estando em brazza*); *moveanças*, p. 7 a (por *mudanças*); *chamai logo*, p. 7 b (por *chamaim logo*); *uza*, p. 8 a (por *ouza*); *tenho*, p. 9 b (por *tenhaõ*); *antes*, p. 10 b (por *ante*); *se he bum*, p. 10 b (por *se he bom*); *Entam só deixar o dom*, p. 10 b (por *E naõ sò deixar ò Dom*); *tendes damas?*, p. 11 a (por *tendes*

¹³ Inocêncio Francisco da Silva, no *Dicionário bibliográfico português*, II, Lisboa, 1859, p. 442, escreveu que a de 1676 é «efectivamente a mesma que anda na segunda parte das *Obras métricas*». Cf. também José V. Pina Martins, ob. cit., p. 17.

¹⁴ Cf. *Idem*, ob. cit., p. 17.

Dama?); «*quebrey*», p. 11 a (por *quebro*); *rosna*, p. 11 a (por *roje*); *logia*, p. 11 a (por *loje*); *A minha conta o deixay*, p. 12 a (por *A minha conta deixayã*); *As no ver?*, p. 13 a (por *As noue ?*). Na III Jornada, além de numerosos erros dos mesmos tipos dos que acima se mencionam, faltam algumas palavras em vários versos, e até um verso, p. 14 b.

Pelo que fica registado, vê-se que entre as duas lições seiscentistas de *O Fidalgo* existem diferenças, não escassas, que ultrapassam o plano ortográfico, podendo-se afirmar que a da segunda edição, na sua globalidade, não supera, pela qualidade, a da anterior¹⁵.

Uma terceira edição de *O Fidalgo aprendiz* foi realizada igualmente em Lisboa, por Bernardo da Costa Carvalho, em 1718¹⁶.

Tal como a de 1676, esta edição setecentista é uma “folha volante”, com dez fólhos, impressos a duas colunas na frente e no verso (excepto o primeiro e o último, que têm verso em branco), rubricados em parte (A2-A6), numerados ao alto e centro da página, agora entre parênteses curvos. Pelo confronto das duas edições¹⁷, constata-se facilmente que, como também já opinou o Prof. Pina Martins, a do séc. XVIII teve como matriz a precedente¹⁸. A distribuição do texto da edição 1718 é perfeitamente conforme com a de 1676, página a página, coluna a coluna. O rosto da edição setecentista imita claramente o da última seiscentista.

É de sublinhar que não é apenas no plano tipográfico que a nova edição se filia na anterior. Comparando as lições de *O Fidalgo* de 1676 e 1718, é fácil de ver que a apresentação ortográfica desta última segue, não a da primeira

¹⁵ Concordamos, pois, com a seguinte opinião já expressa pelo Prof. Pina Martins, ob. cit., p. 17: «O texto da edição de 1665 é, como se sabe, muito descuidado, mas, valha a verdade, na edição de 1667 não melhora».

¹⁶ || AUTO | DO FIDALGO APRENDIZ | FARÇA QUE SE REPRESENTOU | A SUAS ALTEZAS. | (...) | EM LISBOA. | *Com as licenças necessarias.* | Na Officina de Bernardo da Costa Carvalho. Anno de 1718 ||.

¹⁷ Manuseámos o exemplar da edição de 1718 do Instituto de Estudos Teatrais Dr. Jorge de Faria, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, com a cota JF-2-3-97. Encontra-se em lastimoso estado de conservação, estando o fólho de rosto rasgado, incompleto e preso por duas tiras de fita adesiva. Além disso, o papel está muito escurecido, e numerosos caracteres não se vêem. O Prof. Pina Martins afirmou haver exemplares desta edição na Biblioteca Pública do Porto e na Biblioteca da Faculdade de Letras de Coimbra (ob. cit., p. 43, cont. da nota 45 da página anterior), mas, no que concerne a última Biblioteca, tal indicação não é confirmada pelos respectivos ficheiros actuais.

¹⁸ Cf. José V. Pina Martins, ob. cit., p. 43, cont. da nota 45 da página anterior.

edição, mas a da segunda, embora não a reproduza totalmente – como seria de esperar –, pois nela encontramos alterações semelhantes às que detectámos na de 1676 ao fazer o confronto com a de 1665. Além disso, a edição de 1718 retoma da precedente imediata grande número de corrupções, ortográficas e outras. Assim, logo no rosto, em vez de *tirada*, mostra a forma alterada que já se evidencia no rosto da edição anterior, *tiradas*, a qual não concorda, em número, com o substantivo a que se refere (cf. « (...) FARÇA QUE SE REPRESENTOU A SUAS ALTEZAS. TIRADAS DAS OBRAS DE (...)»).

Factos semelhantes verificam-se em outros lugares. Assim, as deficiências da edição de 1676, antes apontadas, vêem-se também na edição de 1718, às vezes com variações na deturpação originada; por exemplo, em vez de *As noue?* (ed. de 1665, p. 249 a), já não ocorre *As no ver?*, mas surge *As no vea?* (cf. p. 13 a). Há a notar, todavia, que esta terceira edição acrescenta novas incorrecções às que colhe da segunda. Como naquela, a maior parte das deficiências serão casos de “gralhas” tipográficas, mas outras decorrerão de interpretações e intervenções erróneas por parte de quem tomou a seu cargo a nova apresentação do texto. Eis alguns exemplos de formas indevidas que surgem na edição setecentista: *lhe*, p. 3 a (por *lhes*); *entene*, p. 3 b (por *entende*); *esfoninhar*, p. 5 a (por *esfolinhar*); *coutos*, p. 6 b (por *contos*); *estudante*, p. 7 b (por *estudantaõ*); *consoantes*, p. 8 b (por *consoante*); *endando*, p. 9 a (por *andando*); *chujo*, p. 10 a (por *cujo*); *ellas me tem*, p. 11 a (por *ella me tem*); *tralho*, p. 11 a (por *trabalho*); *mortal*, p. 15 a (por *morta*).

O Fidalgo aprendiz só quase dois séculos depois foi novamente sujeito aos prelos, surgindo a quarta edição, em 1898, em Coimbra, com a indicação de se tratar de uma «edição revista por Mendes dos Remédios»¹⁹.

Pela primeira vez no percurso editorial da peça de D. Francisco Manuel, a lição publicada recebe esclarecimentos de uma série de notas (cinquenta e duas), apresentadas no final do volume, pp. 57-65, e é antecedida de uma Introdução, pp. VII-XVI. Nesta, aquele antigo Professor da Universidade apresenta alguns apontamentos sobre a vida e a obra do Autor, sobre as edições anteriores de *O Fidalgo* e em particular sobre as que teve presente, ou seja, as de 1665 e de 1718, e sobre a leitura da peça feita sob o seu cuidado. A este

¹⁹ || Obras selectas de auctores portuguezes | D. FRANCISCO MANUEL DE MELLO | AUTO | DO | FIDALGO APRENDIZ | EDIÇÃO REVISTA POR MENDES DOS REMEDIOS | COIMBRA | FRANÇA AMADO - EDITOR | 1898 ||.

propósito, depois de ter afirmado, logo no início desse texto preambular, que publica uma «edição popular do auto»²⁰, Mendes dos Remédios declara: «Cotejada a primeira edição com esta [de 1718] pude colher vários esclarecimentos que necessitava (...). É bem de ver que não alterei em nada o texto que me serviu de guia. É a mesma a ortografia, são as mesmas as divisões que se encontram na primeira edição. Apenas o que se poderia chamar uma revisão tipográfica, que cuidei principalmente de uniformizar, pouco me importando que as formas fossem ou não obsoletas e que o autor tivesse ou não razões para as admitir em vez de outras»²¹.

Ao compararmos a nova lição com as de 1665 e de 1718, constatámos que o Mestre de Coimbra seguiu menos a primeira do que as palavras acima citadas poderão fazer crer, e que a setecentista constituiu para este editor mais do que um simples elemento de consulta para esclarecer dúvidas surgidas na fixação do texto. A este respeito sublinhamos que na edição de 1898 se encontram inúmeros desvios indevidos à de 1665, de diversa natureza, que coincidem com desvios apresentados pela edição do séc. XVIII, como ficará comprovado pelo que abaixo se expõe.

Nesta edição de Coimbra, em rigor, e diferentemente do que escreveu Mendes dos Remédios, a ortografia não é «a mesma» da edição *princeps* — o que aliás seria difícil suceder, dado que pretendeu sobretudo «uniformizar» e que, como ele próprio afirmou, pouco se preocupou com as formas preferidas pelo Autor. Com efeito, a par da conservação de determinados grafemas de uso antigo que não possuem significado fónico especial, observa-se, embora de modo não regular, a substituição de outros grafemas, igualmente sem representação fónica particular. Por exemplo, mantêm-se as consoantes geminadas «ll», como nas formas *aquella* (p. 6), *cavalleiro* (p. 6), e «h» não etimológico, como na forma do verbo «ser» *he* (p. 6) e na de artigo indefinido *hum* (p. 6), mas substituiu-se «y» por «i» em diversas formas, como *Fui* (p. 5), *Almeida* (p.7), *Aio* (p. 7). Aliás, aparecem inscritas consoantes duplas em formas que as não ostentam no texto de 1665, como acontece em *annos* (p.7); o vocábulo «ano» está sempre representado com um só «n» na edição *princeps* e com dois «nn» na edição de 1718. Devemos referir, contudo, que não é possível saber ao certo se algumas grafias de feição antiga decorrem da perspectiva com

²⁰ Cf. Introdução, p. IX.

²¹ Cf. Introdução, pp. XIV-XVI (ao citar modernizámos a ortografia).

que é feita a transcrição, ou se correspondem à ortografia praticada nos finais do séc. XIX por Mendes dos Remédios. Pelo texto da Introdução, publicado em 1898, apercebemo-nos, por exemplo, que a sua escrita admitia então o uso de consoantes duplas (cf. *litteratura*, p. IX; *penna*, p. X, etc.).

Notemos ainda que, se é certo que esta edição mantém alguns aspectos observados na edição de 1665 relativos ao uso e dispensa do sinais de acentuação, como por exemplo a escrita sem acento agudo da forma do verbo «haver» *ha*, também sucede que moderniza e altera nesta matéria, dispensando, por exemplo, o acento agudo ou grave que se via na *princeps* sobre o artigo definido «o», e inscrevendo, com valor de acento, uma vírgula alta sobre vogais maiúsculas que representam contracções de preposição com artigo definido ou fórmulas interjectivas e vocativas. Assim, grafias como *A'*, *A' s*, *O'* pontuam e particularizam a leitura de Mendes dos Remédios (pp. 6, 9, 11, 13, 30, 33, 36).

Para além disto, em vez de formas tradicionais que ocorrem na primeira lição seiscentista, aparecem formas modernizadas, idênticas ou semelhantes às actuais, que poderão deixar de documentar realizações orais do tempo de D. Francisco Manuel de Melo. Alguns exemplos: *huma*, p. 6 (por *hũa*), *mim*, p. 11 (por *mĩ*), *pés*, p. 12 (por *peis*), *não mais*, p. 14 (por *no mais*), *labirinto*, p. 34 (por *labarinto*), *perfumados*, p. 34 (por *prefumados*), *vizinhança*, p. 34 (por *vezinhança*), *janela*, pp. 40 e 41 (por *jenela*), *defuntos*, p. 41 (por *difuntos*), *coitado*, p. 46 (por *cuitado*). Pelo menos a maior parte dessas formas alteradas vê-se já na edição de 1718.

A tais casos de afastamento da lição de 1665, juntam-se outros, em que é afectada a lição do texto para além dos planos gráfico e fónico. Exemplos: *Chamai logo o meu fisico*, p. 19 (em vez de *Chamai-me logo o meu fisico*), *outros tantos e de cêra*, p. 42 (em vez de *outros tantos eus de cera*), *he sua derrota*, p. 50 (em vez de *hé má derrota*). Algumas destas alterações também figuram na edição de 1718.

Alguns anos depois, em 1915, de novo em Coimbra, veio a público uma «2ª edição» revista por Mendes dos Remédios²². Em relação à de 1898, esta adiciona algumas indicações bibliográficas na Introdução, oferece as notas no fim do volume ordenadas alfabeticamente segundo as palavras que as motivam,

²² || Subsídios para o estudo da História da Literatura Portuguesa | I | D. FRANCISCO MANUEL DE MELO | AUTO | DO | FIDALGO APRENDIZ | 2ª EDIÇÃO | REVISTA POR MENDES DOS REMEDIOS | COIMBRA | FRANÇA AMADO-EDITOR | 1915 ||

reformulando algumas, e divide as jornadas em cenas. Todavia *O Fidalgo* não sofreu alterações sensíveis de leitura, detectando-se apenas aperfeiçoamentos pontuais, designadamente na pontuação. A Introdução surge reescrita de acordo com a reforma ortográfica de 1911, mas a apresentação ortográfica de *O Fidalgo* não foi actualizada no que concerne, por exemplo, o uso de grafemas consonânticos duplos e de «h» não etimológico em formas do verbo «ser» e do artigo indefinido, a não ser em algumas formas que não sabemos se serão devidas a lapsos na revisão do texto. Além disso, não foram emendadas incorrecções como as que relevámos atrás, mas, em contrapartida, aumenta o número de formas tradicionais que são substituídas por outras, modernizadas, como *Secretário* (p.7) e *lembrar* (p. 12); estas tomam o lugar de *Sacratário* e *alembrear*, que se vêem nas edições de 1665 e 1676, e a última também ainda na de 1718. Nesta «2ª edição» detectámos ainda casos de omissão de vocabulário, por exemplo, a palavra *botas*, na primeira didascália da peça, p. 5, e pelo menos de um verso, *Só para o mal sabe bem!*, na terceira jornada, p. 31²³.

A quinta edição de *O Fidalgo aprendiz*, tal como a *princeps*, apareceu em letra de forma juntamente com várias composições de D. Francisco Manuel. Surgiu em 1921, numa antologia publicada por José Pereira Tavares — *O Poeta Melodino*, pp. 223-270²⁴.

A lição dos textos que compõem a antologia, incluindo a de *O Fidalgo*, foi estabelecida pela edição de 1665 de *As Segundas três musas*. À semelhança da edição de Mendes dos Remédios, esta antologia contém um estudo preliminar sobre D. Francisco Manuel de Melo, pp.13-25, e oferece algumas notas ao texto em rodapé, a maior parte delas com esclarecimentos sobre a linguagem da obra. Pela primeira vez, entre as edições integrais de *O Fidalgo*, esta numera os versos, por jornada, e vem acompanhada da indicação de se destinar particularmente a um determinado público — os alunos dos liceus — e de explicações muito pormenorizadas sobre a transcrição efectuada e também sobre as intervenções do editor no uso de maiúsculas, sinais de acentuação e pontuação²⁵.

²³ Parte dos desvirtuamentos do texto seiscentista que apontamos e outros foram já registados por J. Pereira Tavares, em “Subsídio para a interpretação e edição definitiva de «O Fidalgo aprendiz»”, in *Liceus de Portugal*, Lisboa, nº 5, Fevereiro, 1941, pp. 347-349.

²⁴ || CLÁSSICOS DA LITERATURA PORTUGUESA | O POETA MELODINO | (D. FRANCISCO MANUEL DE MELO) | Rimas portuguesas (...) | Extraídas das «Segundas três Musas do Melodino», | revistas, prefaciadas e anotadas por José Pereira Tavares, | (...) | PORTO | COMPANHIA PORTUGUESA EDITORA | (...) | 1921 ||.

²⁵ Cf. ob. cit., pp. 10 e 11.

Segundo informa Pereira Tavares, na transcrição foi adoptada a ortografia «oficial», tendo sido conservadas, porém, «certas grafias, principalmente quando traduzem uma pronúncia vocabular diferente da de hoje, ou de uso popular», dando exemplo de tais grafias, como «*despois, sesudo, muto, desculpar, discortês, enveja, dezia, vendimar, crara, calidade, corenta (...) rostro, fermoso, acenção, crecer (...)*»²⁶.

É notório que a nova lição da peça se apresenta muito melhorada em relação às anteriores, desde logo no estabelecimento do texto – baseado, sem ambiguidade, na primeira edição –, e também na transcrição, regulada pela aplicação das normas da ortografia moderna e pela preservação da pronúncia seiscentista. Apesar de tudo, observam-se incorrecções, algumas das quais foram posteriormente emendadas no artigo “Subsídios para a interpretação e edição definitiva de «O Fidalgo aprendiz»”, que já antes referimos²⁷. Neste trabalho Pereira Tavares substitui, por exemplo, a leitura indevida do segundo verso da primeira jornada – *cousa que, mal que lhe pês*, por *cousa que, mal que lhes pês*, – e já grafa com til as formas antigas de artigo e pronome indefinido do género feminino, que na edição de 1921 tinham ocorrido sem esse sinal, isto é, *ua* e *algua* (por problemas do âmbito tipográfico?)²⁸. Reitera, porém, a versão incorrecta do quarto verso da mesma jornada – *Naci no lugar do Sebo* – que injustificadamente propõe em vez de *Naci no Lagar do Sebo*.

A sexta edição foi também publicada com outros escritos de D. Francisco Manuel de Melo, em 1940, num volume organizado por Mário Gonçalves Viana – *D. Francisco Manuel de Melo, Trechos escolhidos*, pp. 148-215²⁹.

A obra vem antecedida de um extenso ensaio biográfico e histórico-crítico, pp. 5-76, e é acompanhada de notas de rodapé, mas, diferentemente do que acontece com a publicação precedente, não encontramos esclarecido se é

²⁶ Cf. ob. cit., p. 10. Advirta-se que algumas das formas que este editor e outros comentadores consideram populares não o serão, se por tal se entender que se trata de formas exclusivas da expressão de indivíduos pouco instruídos ou iletrados. Por exemplo, a forma *fermoso* encontra-se em autógrafos de D. Francisco Manuel de Melo, integrando o próprio discurso do Escritor.

²⁷ Cf. *supra*, nota 23. Ver sobretudo pp. 356-357.

²⁸ Essas e outras correcções foram também feitas por este antigo Professor do então denominado Liceu Vasco da Gama de Aveiro, em um exemplar da sua antologia, por si dedicado a um colega, em 1931, o qual chegou às nossas mãos por oferta de pessoa amiga e generosa.

²⁹ || AUTORES CLÁSSICOS | D. FRANCISCO MANUEL DE MELO | TRECHOS ESCOLHIDOS | Ensaio biográfico e histórico-crítico, | selecção, notas e índices remissivos | POR | MÁRIO GONÇALVES VIANA | 1940 | EDITORA EDUCAÇÃO NACIONAL, L.DA | (...) PÔRTO ||.

dirigida em especial a um público determinado. Tão pouco vemos alguma explicação sobre o testemunho seguido e critério de transcrição adoptado.

Todavia, em notas à lição de *O Fidalgo* ressaltam algumas referências ao «original» e às leituras e interpretações de Mendes dos Remédios, sendo aproveitadas numerosas informações do editor de Coimbra (cf. por exemplo, p. 148, nota 1, p. 172, nota 3, p. 173, nota 4). Sobretudo evidenciam-se incorrecções expressivas na fixação e transcrição do texto, coincidentes com as que se observam na lição de José Pereira Tavares; é o caso das que afectam os versos segundo e quarto da primeira jornada: como naquela, ocorrem nesta as formas indevidas *lhe* (cf. p. 148) e *lugar* (cf. p. 149); é igualmente o caso das formas de artigo indefinido e de pronome indefinido do género feminino, que em ambas estas edições, como em nenhuma outra, sofrem a omissão de til sobre o «u» que antecede «a», vendo-se *ua* e *algua*.

Pereira Tavares considerou, aliás, que a lição publicada por M. Gonçalves Viana é «a reprodução da lição» que adoptara em 1921³⁰. É de notar, porém, que a de 1940 diverge em muitos pontos da que a antecede imediatamente. Assim, a nova leitura de *O Fidalgo* foi preparada de modo a oferecer a linguagem modernizada, mas — diferentemente do que se passou com a de J. P. Tavares — sem procurar manter certas grafias antigas que poderiam corresponder a «uma pronúncia vocabular diferente da de hoje, ou de uso popular» (conforme escreveu aquele editor). Assim, se por um lado, tal como na de edição de 1921, não são inscritos «ll» e «y», por outro lado, diversamente do que naquela sucede, ocorrem forma modernizadas como *Rossio* (p. 149), *contrabaixo* (p. 151), *Secretário* (p. 152), e *vizinhança* (p. 156), em vez das correspondentes que Tavares reproduziu da edição de 1665, isto é, *Recio*, *contrabaxo*, *Sacratario* e *vezi-nhança*. Acresce que, para além de se verificar uma modernização mais ampla da linguagem, também as maiúsculas e os sinais de pontuação por vezes são usados de modo diferente.

A sétima edição de *O Fidalgo aprendiz* foi publicada em 1943, de novo em volume avulso, com texto estabelecido por António Correia de A. Oliveira³¹.

³⁰ Cf. *Idem*, “Subsídio para a interpretação e edição definitiva de «O Fidalgo aprendiz»”, in *Liceus de Portugal*, Lisboa, nº 5, Fevereiro, 1941, p. 347.

³¹ || CLÁSSICOS | PORTUGUESES | TRECHOS ESCOLHIDOS | Século XVII — TEATRO | D. FRANCISCO MANUEL DE MELO | O Fidalgo Aprendiz | Introdução e notas | de | ANTÓNIO CORREIA DE A. E OLIVEIRA | (...) | 1943 | LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA | A. M. TEIXEIRA & C.ª (Filhos) | (...) LISBOA ||.

Este editor elaborou uma valiosa introdução, pp. 5-34³², e mais de mil notas de rodapé, que oferecem informações e análises com muito interesse e pertinência sobre o Autor e a sua obra³³. Inclui também um glossário, com registo de formas e sua localização, pp. 101-105.

Ainda que em breve apontamento, Correia de A. Oliveira esclareceu que reproduziu «o texto da edição príncipe» e que efectuou intervenções de vária espécie: correcção de erros tipográficos, modernização da acentuação, da pontuação e da ortografia, salvo nos casos de grafias susceptíveis de representar a pronúncia do tempo e de formas populares e suas variantes³⁴. Assim, em termos gerais, este editor reitera procedimentos que já tinham sido praticados por José Pereira Tavares, e propõe uma lição para *O Fidalgo*, apoiada por notas mais substanciosas e numerosas, que coincide basicamente e em larga escala com a de 1921. Nos lugares em que diverge, e em particular em alguns em que a divergência de interpretação do texto se manifesta por pontuação diversa, a leitura proposta por Correia de A. Oliveira é, por várias vezes, a que se nos afigura correcta ou mais aceitável.

Pelo acervo de informações e comentários oferecidos na Introdução e notas, e pela qualidade da nova lição de *O Fidalgo*, a edição de 1943 fez jus a várias novas edições — em rigor trata-se de reedições —, publicadas, uma em vida do editor, outras já depois do seu falecimento³⁵. São as seguintes: 2ª edição, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1958; 3ª, m. l., m. ed., 1963; 4ª, m. l., m. ed., 1970?; 5ª, m. l., m. ed., 1974; 6ª, m. l., m. ed., 1975; foi também apresentada, como 6ª edição, uma outra, de Lisboa, Moraes Editores, 1979. Na edição de 1958 que António Correia de A. Oliveira ainda beneficiou com a sua assistência, detectámos, em relação à de 1943, pequenas alterações do estilo e do conteúdo

³² A Introdução contém as seguintes alíneas: notícia histórica; género dramático; as fontes; os caracteres; *O Fidalgo* e *Le Bourgeois Gentilhomme*; a linguagem, o estilo e a versificação.

³³ António Correia de A. Oliveira publicou diversos estudos sobre D. Francisco Manuel de Melo e *O Fidalgo aprendiz*, entre os quais distinguimos: “O Fidalgo aprendiz”, “Le bourgeois gentilhomme” e “La cortigiana”, in *Ocidente*, Lisboa, 1938, I, pp. 190-195; “D. Francisco Manuel de Melo e o teatro espanhol do século XVII” (conferência realizada no Salão de «O Século», em 11 de Maio de 1946), Lisboa, 1948; “Uma comédia inédita de D. Francisco Manuel de Melo. *De Burlas haze amor veras*”, in *Ocidente*, Lisboa, 1939, vol. IV, pp. 206-221.

³⁴ Cf. p. 34.

³⁵ António Correia de A. Oliveira faleceu em 3 de Novembro de 1959. Devemos esta informação ao Senhor Dr. José Salazar da Gama, Professor da Escola Secundária de José Falcão, de Coimbra (ex-Liceu de D. João III), a quem manifestamos o nosso agradecimento pelas diligências que, para nos esclarecer, efectuou nesse estabelecimento de ensino, onde o Dr. Correia de A. Oliveira também leccionou.

da Introdução³⁶, acrescento e modificação de notas de rodapé e algumas emendas da leitura antes apresentada³⁷. Lamentavelmente, em edições publicadas após a sua morte surgem algumas degradações do texto de *O Fidalgo aprendiz*. Assim, na 4ª edição aparecem, por exemplo: *lodo*, p. 78 (em vez de *todo*); *onde*, p. 85 (em vez de *donde*); *resposta*, p. 87 (em vez de *reposta*, que se vê na edição *princeps*)³⁸; *meu marido*, p. 90 (em vez de *o marido*); *de demo*, p. 91 (em vez de *do demo*). Nas 5ª e 6ª edições da Livraria Clássica Editora, além daquelas e de outras formas incorrectas, ocorrem indevidamente: *descansarei*, p. 49 (em vez de *descansareis*); *caibam*, p. 69 (em vez de *saibam*; aliás, o verso que contém a forma está repetido). Na «6ª edição» de Moraes Editores encontramos *diz os namorados*, p. 55, *por via de meu pai*, p. 59, *isto ai por graça*, p. 86, em vez de *diz que os namorados, por vida de meu pai, isto vai por graça*.

A leitura de *O Fidalgo aprendiz* preparada por António Correia de A. Oliveira foi ainda retomada na *Antologia Literária do século XVII*, pp. 199-238, organizada para uso escolar, há mais de três décadas, pelo Prof. Amadeu Torres³⁹, que assinalou o facto com transparência, declarando: «O texto que adoptámos na transcrição é o estabelecido na edição criteriosa e exhaustiva de António Correia de A. Oliveira, sem dúvida a melhor de quantas têm vindo a lume»⁴⁰. A apresentação do texto é apoiada por notas que, dado o público estudantil a que especialmente se destinava, o Prof. Amadeu Torres por certo pretendeu que fossem sucintas. Nessas notas incluiu informações antes expostas por Correia de A. Oliveira, fazendo um vez mais a devida referência àquele editor e estudioso.

³⁶ Na Introdução da 2ª edição, por exemplo, falta um pequeno excurso de teor pedagógico, que se via na p. 24 da 1ª edição. Ai, depois de comentar que o temperamento português e meridional, «inclinado aos idealismos e falho de sentido das realidades» (...), «se nos levou a grandes e maravilhosos feitos, foi também a origem dos grandes desastres nacionais», chamava a atenção para o papel dos educadores junto dos novos, «habitando-os a ver bem a realidade e inculcando-lhes o gosto da vida e da acção útil, disciplinada e enérgica.»

³⁷ A «2ª edição» contém correcções de diversa ordem, do texto e das notas, algumas das quais vimos já inscritas à mão em um exemplar da 1ª edição, que foi oferecido por António Correia de A. Oliveira ao Dr. Jorge de Faria, e que se conserva no Instituto de Estudos Teatrais, da Faculdade de Letras de Coimbra (cota JF-2-3-100).

³⁸ Na edição de 1943 também ocorre *resposta*, mas esta é uma das incorrecções que foram emendadas no exemplar referido na nota anterior; a 2ª edição já mostra a forma devida.

³⁹ || AMADEU TORRES (CASTRO GIL) | ANTOLOGIA LITERÁRIA | DO SÉCULO XVII | De harmonia com os programas oficiais | do | III CICLO LICEAL | EDIÇÕES HUMANITAS ||. — A publicação da antologia é de Braga, 1965.

⁴⁰ Cf. ob. cit., p. 199, nota 15.

Bem diversa da edição de A. Correia de A. Oliveira é a que surgiu ainda na década de cinquenta, sob a responsabilidade de Augusto César Pires de Lima⁴¹.

A nova leitura é precedida de um Prólogo sobre D. Francisco Manuel de Melo e as suas obras, pp. 7-19, e seguida de um Glossário, que inclui o significado dos termos registados e lugar de ocorrência.

Afastando-se de procedimentos observados por J. Pereira Tavares e Correia de A. Oliveira, A. C. Pires de Lima não indica o testemunho utilizado, nem a orientação que presidiu à transcrição do texto.

Do confronto da lição proposta com as das edições anteriores deduz-se, no entanto, que esta edição tomou como apoio principal a que foi antes publicada por Mendes dos Remédios⁴², que, conforme antes observámos, segue excessivamente a de 1718. Na verdade, tal como sucede na edição do séc. XVIII e na do Mestre de Coimbra, e diferentemente do que acontece nas de Tavares e Oliveira, nesta edição portuense, por via de regra, por um lado verifica-se a transcrição de grafemas sem significado fónico especial, como as consoantes duplas «ll», por exemplo em *Cavalleiro* (p. 22), e «h» não etimológico, por exemplo na forma do verbo «ser» *he* (p. 22); por outro lado realiza-se a modernização de formas seiscentistas que podem representar pronúncias da época, como as dos artigos e pronomes indefinidos, ocorrendo *huma* (p. 22) e *alguma* (p. 26), em vez de *hũa* e *algũa*. É significativo que, à semelhança do que se observa na leitura de 1718 e na de Mendes dos Remédios, as didascálias iniciais de todas as jornadas mostrem a grafia *Sahe*, ausente da primeira edição (que contém *Saye*) e já presente na de 1676 (que não foi vista por Remédios, a qual, por sua vez, transmite tal grafia à edição do séc. XVIII). É igualmente indiciador da dependência da leitura de Mendes dos Remédios — a única que até então apresentara este uso — a colocação de vírgula alta sobre vogais maiúsculas que representam contrações de preposição com artigo definido ou fórmulas interjectivas e vocativas, em vez de acento agudo ou grave (*A'*, p. 51, *A's*, p. 54, *O'*, pp. 22, 25, 27, 29).

⁴¹ || COLECCÃO PORTUGAL | Nº 29 | D. Francisco Manuel de Melo | O Fidalgo Aprendiz | EDITORIAL Domingos Barreira | (...) Porto || (...) — No exemplar, completo, que manuseámos, pertencente à Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, com a cota 5-46-25, não vimos qualquer data a não ser a da entrada nesta Biblioteca, 1955, inscrita por carimbo. Através de consulta do catálogo de outras bibliotecas, obtivemos a indicação de que o Depósito legal é de 1954.

⁴² Confrontámos a lição de Pires de Lima com as de 1898 e 1915, em lugares em que estas divergem entre si, e verificámos que a primeira coincide sobretudo com a do séc. XIX.

Devemos acrescentar que de uma referência à edição de 1665, em nota da p. 25, e da reprodução do acento agudo sobre o artigo definido «o», que, nesse contexto, não se vê em mais nenhuma outra edição entre as que foram até então publicadas, deduz-se que a lição da *princeps* não deixou de ser consultada, havendo de resto pontos de divergência relativamente à lição de Remédios em que a lição de Lima e a de 1665 convergem. A coincidência com uma leitura errônea da edição de J. Pereira Tavares, apresentada para o segundo verso da primeira jornada, e a referência que a essa edição é feita no glossário que a obra oferece, p. 79, fazem crer que também a edição de 1921 foi objecto de consulta.

Sublinhamos que depois da transcrição modernizadora a que já antes tinham procedido J. Pereira Tavares e A. Correia de A. Oliveira, a lição de A. C. Pires de Lima surge marcada por aspectos ortográficos antiquados, o que só em pequena medida decorre de este editor ter tido presente a lição da edição *princeps*, e (por isso mesmo) não documenta a ortografia de 1665 com total fidelidade. Alguns dos usos de feição antiga, como a inscrição que por vezes se observa de til sobre o segundo grafema do dígrafo que representa o ditongo nasal [ãu] — por exemplo em *namoraõ*, p. 37, valem sobretudo como vestígios das relações estabelecidas entre esta e as lições anteriores, neste caso preciso, e uma vez mais, da dependência da leitura de Mendes dos Remédios (cf. ed. 1898, p. 20). Reproduzimos a seguir, das edições de 1665 e de Pires de Lima, o trecho da I Jornada onde ocorre a forma acima mencionada, sendo a de Lima coincidente com a de Remédios, excepto no último verso, em que se não se vêem as reticências que naquela se encontram após o ponto de exclamação:

Ed. de 1665, p. 244

*outro que emgasgado vem
com dous versos sem feição
pede no mais de hum tacaõ
paga, e lançolho tambem.
quantos namoraõ na rua
que em my cada quel se fia?*

Ed. de Pires de Lima, p. 37

*Outro, que engasgado vem
com dous versos sem feição,
pede — não mais de hum tacão...
Paga... e lanço-lho tambem!...
Quantos namoraõ na rua
que em mi cada qual se fia!*

A lição proposta para *O Fidalgo aprendiz* por Augusto César Pires de Lima foi aproveitada em duas outras edições da obra, vindas a lume recentemente, sem identificação dos editores de texto: uma, publicada na colecção

“Livros de Bolso” das Publicações Europa-América⁴³; outra, estampada por Editores Reunidos e R. B. A. Editores⁴⁴, e que acompanha um fascículo (n.º 70, II Volume) de uma «História da Literatura», da responsabilidade destes mesmas empresas editoras, que neste caso contém um estudo dedicado a D. Francisco Manuel de Melo, assinado pela Professora Maria Leonor Carvalhão Buescu.

A dependência destas duas edições para com a de A. C. Pires de Lima (que por sua vez, conforme vimos, assenta principalmente na de Mendes dos Remédios, que não seguiu suficientemente a *princeps*, como também antes ficou observado) é denunciada em ambas pela apresentação ortográfica, marcadamente não modernizada, evidenciando-se logo no começo das didascálias iniciais de todas as jornadas a forma *Sahe* — que decorre da aceitação por parte do Mestre de Coimbra, não da lição de 1665, mas da de 1718 (cf. Lima, p. 21; Europa-América, p. 13; R. B. A., p. 11); igualmente se evidencia a inscrição frequente de acento agudo sobre artigos definidos do género masculino, e vírgula alta em vez de acento agudo ou grave sobre vogais maiúsculas que representam formas contractas de preposição e artigo, e outras⁴⁵, e, em contrapartida, a omissão que por vezes se detecta do mesmo acento, nomeadamente na forma que representa a terceira pessoa do singular do presente do indicativo do verbo «haver». É denunciada ainda e sobretudo pela reiteração de diversas “gralhas” tipográficas e deficiências de outra ordem que surgem pela primeira vez na edição de A. C. Pires de Lima. Assim, por exemplo, em vez de *essoutra*, *balandrao* (ou, em transcrição modernizadora, *balandrau*), *quando*, *senhora*, ocorrem indevidamente *essoura* (Lima, p. 23; Europa-América, p. 16; R. B. A., p. 13), *balandrão* (Lima, p. 32; Europa-América, p. 24; R. B. A., p. 21), *quanto* (Lima, p. 46; Europa-América, p. 38; R. B. A., p. 34) e *senhor* (Lima, p. 52; Europa-América, p. 44; R. B. A., p. 39)⁴⁶. Citamos a seguir alguns versos da I Jornada

⁴³ || D. FRANCISCO MANUEL DE MELO | AUTO DO FIDALGO | APRENDIZ | Publicações Europa-América ||. [Mem Martins, Depósito legal n.º 60095 / 92].

⁴⁴ || D. Francisco Manuel | DE MELO | O Fidalgo Aprendiz | Carta de Guia | de Casados | Relógios Falantes | R. B. A. Editores || [© da edição: Editores Reunidos, Lda., 1994 e R. B. A. Editores, S. A.; Fotocomposição: Espaço 2 Gráfico, Lisboa; Impressão e encadernação: Mateu Cromo Artes Gráficas, S. A., (Pinto) Madrid; Depósito legal: 80088 / 94 e M. 1. 912-1996].

⁴⁵ Na edição de R. B. A. a vírgula alta evidencia-se muito menos que na edição das Publicações Europa-América, em virtude do desenho do sinal.

⁴⁶ Nas edições de 1665, 1718 e 1898 vem a forma *balandrao*, e na de 1718 também uma vez *bilandrao*, que se trata de forma deturpada, como se comprova claramente pela rima (com *birimbao*). Na edição de 1915, Mendes dos Remédios traz *balandrão*. Pereira Tavares, Gonçalves Viana e A. Correia de Oliveira transcrevem correctamente *balandrau*, não havendo dúvida de que

de *O Fidalgo* — cuja lição é comum às três edições aqui apontadas — para ilustrar o que acabamos de assinalar:

*Gil. Ora tiro ó balandrão,
que ó aprender sempre é virtude.
(Tira o capote.)*

*Mest. Ha em casa algum laúde ?
Af. Não ha mais que um birimbáo.*⁴⁷

Entre as edições integrais de *O Fidalgo aprendiz*, há ainda que referir a que se deve a Mário Fiúza⁴⁸. Tal como uma edição parcial que o mesmo editor anteriormente publicou⁴⁹, esta edição completa foi preparada tendo em vista a

no texto de D. Francisco Manuel a grafia «-ao», utilizada na terminação deste vocábulo (como na de outros), representa o ditongo oral [au]. Algumas fontes lexicográficas, como o *Vocabulário português e latino* de R. Bluteau e o *Grande dicionário da língua portuguesa* de A. Morais Silva, registam a forma *balandrão*, mas tais abonações não só não servem para aprovar a lição incorrecta destas edições, como estas nos alertam para a necessidade de se averiguar da fundamentação de tal registo.

⁴⁷ Cf.: Lima, p. 32; Europa-América, p. 24; R. B. A., p. 21. A única variação existente entre as lições do trecho citado concerne o ponto final, que na edição de A. C. Pires de Lima se vê depois do segundo parêntesis curvo — «(Tira o capote).». Advertimos, no entanto, que em alguns lugares das edições de Europa-América e R. B. A. se detectam variantes entre estas, e também entre estas e a de Pires de Lima, que correspondem certamente a uma tentativa de oferecer uma leitura melhorada.

Assinalamos ainda que a lição de Pires de Lima, citada atrás, p. 15, é a mesma que se encontra nas edições de Europa-América, p. 29, e R. B. A. p. 25, excepto no acento agudo que estas mostram em «também».

⁴⁸ || D. FRANCISCO MANUEL DE MELO | O FIDALGO APRENDIZ | FARSA | EDIÇÃO DIDÁCTICA DE | MÁRIO FIÚZA | *Porto Editora, Lda.* | (...) PORTO | *Livraria Arnado, Lda. Emp. Lit. Fluminense, Lda.* (...) COIMBRA (...) LISBOA-2 || — Esta edição veio a público em 1978.

⁴⁹ || MÁRIO FIÚZA | CLÁSSICOS PORTUGUESES | SÉCULO XVII | ANTOLOGIA LITERÁRIA COMENTADA | DE ACORDO COM OS ACTUAIS PROGRAMAS DO | 1º ANO DO CURSO COMPLEMENTAR DOS LICEUS | *Porto Editora, Lda.* | (...) PORTO | *Livraria Arnado, Lda. Emp. Lit. Fluminense, Lda.* (...) COIMBRA (...) LISBOA-2 || — A edição desta colectânea é de 1977. *O Fidalgo* ocupa as pp. 277-342.

Outras edições parciais da obra de D. Francisco Manuel de Melo de que temos conhecimento apareceram nas antologias seguintes: Fernando Venâncio Peixoto da Fonseca, *Textos literários seiscentistas*, Coimbra, Coimbra Editora Limitada, 1967, pp. 165-176; M. Ema Tarracha Ferreira, *Textos literários. Séculos XVII e XVIII*, Lisboa, Editorial Aster, 1973, pp. 257-300. Luciana Stegagno Picchio publicou fragmentos das I e III jornadas em *História do Teatro Português*, Lisboa, Portugalíia Editora, 1969, pp. 165-172, e pp. 174-179. Esta Professora esclarece, ob. cit., p. 380, nota 7, que faz a transcrição de uma sua «leitura provisória baseada nas três primeiras edições.»

sua utilização no meio escolar; aliás, foi apresentada como «edição didáctica», embora no prefácio Mário Fiúza afirme que se destina «não só à mocidade estudiosa mas, dum modo geral, a todos quantos se interessam pelo estudo da nossa História da Literatura»⁵⁰. Em conformidade com essa intenção, esta nova edição oferece, mais do que qualquer outra, diversos materiais de apoio ao estudo de *O Fidalgo*⁵¹, além de extenso conjunto de notas e de um glossário⁵².

À semelhança de Correia de A. e Oliveira, este editor reproduziu «o texto da edição príncipe, corrigindo erros tipográficos e actualizando a ortografia, a acentuação e a pontuação»⁵³.

É de sublinhar que, conforme se verifica pela leitura de diversas notas que acompanham a lição de *O Fidalgo*, para a estabelecer e comentar correctamente, Mário Fiúza, além de seguir a primeira edição, consultou outras edições e tomou em consideração interpretações e comentários de vários editores — em particular A. C. de A. Oliveira —, citando-os com frequência. Pode assim considerar-se que esta edição, não obstante a lição proposta para alguns lugares, que nos merece dúvidas ou desaprovação, representa um passo em frente, dado com a intenção de atender «a todos os cuidados e exigências que a moderna linguística impõe»⁵⁴.

A concluir este estudo sobre as edições de *O Fidalgo aprendiz*, de D. Francisco Manuel de Melo, publicadas desde 1665 até aos nossos dias, sublinhamos que — como em outros casos de edições de textos antigos — se está perante um processo de transmissão de um texto, em que, durante largo espaço

⁵⁰ Cf. p. 5.

⁵¹ Veja-se: “Resumo cronológico da vida de D. Francisco Manuel de Melo”, pp. 7-9; “D. Francisco Manuel de Melo e o seu tempo”, pp. 10-13; “A Estrutura externa”, pp. 14-15; “A Estrutura narrativa e dramática”, pp. 16-20; “Caracterização das personagens”, pp. 21-36; “Versificação”, pp. 36-37; “O Problema da génese da farsa”, pp. 37-39. No final, para além do glossário, o volume apresenta: “Documentação temática”, pp. 127-134; “Temas para composição”, pp. 135-136; “Ficha de leitura”, pp. 145-149. É ainda de notar que o texto é acompanhado, página a página, de “Orientação de leitura e Questionário”.

⁵² Cf. pp. 137-144.

⁵³ As palavras citadas encontram-se na “Nota bibliográfica” que acompanha a edição parcial, incluída em *Clássicos portugueses, Século XVII*, p. 343, mas aplicam-se à edição integral. O prefácio da edição de 1978 é omissivo e vago em relação a estes pontos.

⁵⁴ Cf. edição de 1978, p. 5.

de tempo, cada nova edição tomou a imediatamente anterior como matriz, só muito recentemente se tendo recorrido à primeira edição como texto-base.

Como se viu, a segunda, terceira e quarta edições alteraram a apresentação ortográfica do texto, modernizando-a em muitos pontos, o que prejudicou o valor documental das suas lições sobre as características da linguagem com que D. Francisco Manuel elaborou a obra, designadamente no plano fónico. Além disso, se cada uma corrigiu algumas das deficiências precedentes, também introduziu novas corrupções. Assim, a primeira edição de *O Fidalgo* é a mais próxima do Autor, e não apenas sob o ponto de vista cronológico. Por consequência, os editores que tomaram para base das suas edições, não a lição de 1665, como se impunha, mas outra, sob o ponto de vista ecdótico procederam incorrectamente. É de lamentar que as últimas estampagens da obra, realizadas já nos nossos dias, em particular a da publicação que visará dar a conhecer uma «História da Literatura», retomem uma lição dos meados deste século que, por sua vez, segue outra do séc. XIX, em que a edição *princeps* foi insuficientemente aproveitada.

Aliás, as publicações mais recentes de *O Fidalgo*, surgindo afectadas por terem recuperado uma lição que está longe de ser a mais válida, desmerecem também, e cumulativamente, pelas características da apresentação ortográfica com que fazem reaparecer a obra. Essa apresentação não documenta a das páginas impressas que o Autor cuidou na oficina impressora, mas sim a da lição que aproveitam. É de estranhar, de resto, que ao editar-se a peça numa colecção de “Livros de Bolso”, se tenha empreendido a divulgação de *O Fidalgo* através de uma lição com traços ortográficos actualmente desusados, que não têm representatividade fónica especial, mas que, em contrapartida, dificultam a leitura e fruição desta preciosidade da literatura dramática portuguesa.

Como se viu também, antes de tais publicações, *O Fidalgo* apareceu em lições cuidadas, apresentadas com um critério de transcrição que, facilitando a leitura por actualização de alguns aspectos de ortografia antiga sem valor fónico particular, simultaneamente procura respeitar as características da linguagem do tempo.

Nos nossos dias, perante a escassez, e até mesmo a indisponibilidade no mercado dessas edições de qualidade, não é solução satisfatória reproduzir as suas lições. A verdade é que só a uma leitura não detida e não informada pode parecer que o texto de *O Fidalgo* está totalmente fixado em definitivo; na lição de 1665 há numerosos lugares de interpretação problemática, que são — e sempre serão — susceptíveis de motivar novas propostas de fixação de texto, de

novas conjecturas e novas dúvidas (que convirá explicitar). Impõe-se assim procurar efectuar uma nova edição, empenhada antes de mais em uma maior aproximação do que terá sido a vontade definitiva do Autor, ou seja, uma edição que tenha como objectivo prioritário atingir um grau mais elevado de fidedignidade do que o das anteriores, usando metodologia exigente da crítica textual contemporânea e recorrendo à informação mais completa possível sobre a língua portuguesa dos meados do séc. XVII.

Uma das “mensagens” transmitidas em *O Fidalgo* será, talvez, que é preciso investir tempo e aplicação séria para se obterem bons resultados nas artes de convívio e demonstração em sociedade. Não duvidamos que isso mesmo se impõe nos trabalhos de crítica textual, ainda que tal implique elevados custos a quem neles empenha expectativas profissionais e pessoais. O respeito pelos autores e pelos leitores – sejam eles leitores filólogos, leitores comuns ou leitores pouco instruídos – não permite «escapulas», como diria D. Francisco Manuel de Melo.